

Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças

FARIA, Ana Lúcia G.; DEMARTINI, Zeila B. F.; PRADO, Patrícia. (org.). *Campinas: Autores Associados, 2002. 153 p.*

Anamaria Santana da Silva*

Dar visibilidade às crianças: suas falas, expressões, sentimentos, gostos, gestos.

Esse é um grande desafio que se tem colocado a professores e pesquisadores da educação, preocupados em entender a infância: o que pensam as crianças a respeito da escola, do trabalho, das brincadeiras, dos seus colegas, dos seus professores e dos adultos em geral? Enfim, o que e como a criança vê, sente, pensa a respeito desse mundo que já estava pronto quando ela chegou? E como interage com ele?

São questões que, a partir do momento em que são feitas, apontam para uma concepção de criança capaz, que faz, pensa, conhece, atua, explora e modifica o que está à sua volta. E revelam a necessidade de se dar voz (não necessariamente a fala) para que esses seres de pouca idade manifestem as suas teorias a respeito da vida.

Este livro reúne artigos que falam de trabalhos que procuraram fazer isto: elaborar metodologias de pesquisas que permitam conhecer e entender algumas das múltiplas facetas que configuram a cultura da infância. Sobretudo, pretende colaborar para a formação de pesquisadores envolvidos com a produção de conhecimentos a respeito da criança, no sentido de elaborar propostas educativas para as crianças, que as considerem como seres portadores e construtores de cultura.

Assim, o primeiro artigo discute diversas pesquisas, na área da sociologia, que se propuseram a analisar o tema infância a partir de relatos orais. Demartini nos fala a respeito da diferença entre os *relatos sobre as crianças e sobre as infâncias* e os *relatos de crianças*. Uma coisa é ouvir os adultos ou jovens que falam sobre a infância e outra bem diferente é dar voz às próprias crianças. No entanto, as duas formas de se pesquisar sobre a infância são importantes, pois permitem o conhecimento sobre as diferentes maneiras de se sentir e pensar a infância, sejam as crianças que ainda estão vivendo a infância, seja a partir visão dos adultos, mediada pelas lem-

* Professora do Departamento de Educação – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Corumbá. anamariasantana@uol.com.br.

branças e pela memória. Assim, Demartini ressalta a importância dos relatos orais para se conhecer e aprofundar conhecimentos a respeito das crianças e das infâncias, de forma plural, de épocas, lugares, e realidades distintas.

O segundo estudo apresentado no livro é parte do trabalho de doutorado de Jucirema Quinteiro, que discute as relações entre infância e educação, buscando apontar para um campo de estudos em construção. A autora, ao fazer um levantamento das pesquisas que, na área da sociologia estudam a criança e a infância, nos fala da emergência de uma sociologia da infância na Europa, das contribuições teóricas acerca da infância no Brasil, numa perspectiva sociológica, e as implicações metodológicas sobre a infância na escola. O artigo de Quinteiro é uma contribuição fundamental, pois aponta para a elaboração de uma concepção de criança e de infância diferente da perspectiva psicológica tão predominante nos estudos da pedagogia, atualmente bastante criticada.

Galzerani, no trabalho seguinte, nos convida para uma viagem pelas produções textuais do pensador Walter Benjamin. O texto escolhido é *Infância em Berlim*, no qual Benjamin escreve sobre passagens de sua infância, por volta de 1900, tentando apresentar as impressões que tinha do mundo adulto e como apreendia essa realidade. A partir desses escritos de Benjamin, a autora reflete sobre o conceito benjaminiano de modernidade capitalista, sobre as imagens benjaminianas de infância e ainda apresenta as contribuições de Benjamin sobre o conceito de sujeito. E, bem ao estilo benjaminiano, a autora termina o texto, mas não o conclui, ela apenas

(...) puxa alguns fios simbólicos relativos às imagens de infância; fios esses que não pretendem ser a palavra final, a palavra verdadeira sobre essa questão; fios ou teias que pretendam deixar a problemática, ora focalizada, ora em aberto. Como narrativa capaz de ser continuada por outros sujeitos (p.64).

O quarto artigo apresenta uma discussão a respeito do desenho infantil e da oralidade como instrumentos de pesquisa com crianças pequenas. A autora afirma que os desenhos podem e devem ser vistos

(...) como documentos que permitem aos pesquisadores saber mais acerca desses sujeitos e não somente isso, possibilitam-nos conhecer mais suas percepções da realidade por eles vivida, não sendo percebidos como textos escritos, mas sim como textos visuais que podem ser olhados, sentidos, lidos (p.76).

Gobbi nos fala de três experiências em que as crianças foram chamadas a expressar suas idéias através do desenho, quais sejam: nos anos 30, na gestão de Mário de Andrade no Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo; nos anos 80, durante a gestão de Paulo Freire na Secretaria Municipal de São Paulo; e durante a pesquisa de mestrado da própria autora. A autora afirma

que, nessas três experiências, o desenho foi utilizado não numa perspectiva psicológica, mas sim para conhecer e entender os aspectos socioculturais das crianças.

A brincadeira como manifestação cultural das crianças pequenininhas é o tema do quinto artigo, escrito por Patrícia Prado, que remete à sua pesquisa de mestrado, onde observou o cotidiano de uma creche, da chegada à saída das crianças, procurando conhecer o seu dia-a-dia, além de identificar as atividades desenvolvidas e suas brincadeiras, em especial. O artigo é muito interessante, pois a autora afirma que, partindo da sua formação na área da psicologia, que possibilitou experiências diversas com crianças e lhe suscitou inúmeros questionamentos, ela busca no seu trabalho de mestrado outros caminhos para conhecer e analisar as brincadeiras infantis. Assim,

numa condução metodológica definida sob os parâmetros da antropologia e por meio do estudo do tipo etnográfico, busquei compreender esses e outros fenômenos educativos a partir da cultura em que a creche passa a ser concebida, portanto como espaço de cultura e educação infantil (p.94).

No artigo de Magali Reis, o tema é entrevista com jovens falando da infância, mais especificamente das lembranças dos tempos em que freqüentaram a creche. No texto, a autora fala de um dos instrumentos de pesquisa que utilizou para a realização de sua pesquisa de mestrado, na qual analisou a experiência da primeira creche para filhos de servidores da UNICAMP. Reis pretendia investigar o que esses jovens (ex-usuários da creche) pensam sobre o espaço coletivo em que permaneceram durante um certo tempo de suas vidas. Sendo assim, a pesquisadora convidou um grupo de 10 jovens com 14 e 15 anos para conversar sobre o tema. E, com o auxílio de fotos, da planta da creche e de alguns *trabalhinhos* realizados pelas crianças na creche, as lembranças vieram à tona: os jovens falaram dos adultos que deles cuidavam, dos afetos, das relações, dos confrontos, do espaço, das brincadeiras, das proibições, das transgressões. Na avaliação das crianças e da autora, a atividade foi muito positiva: para as crianças, porque puderam relembrar o passado e expor suas opiniões sobre os fatos e, para a pesquisadora, porque foi um instrumento importante para reunir informações para sua pesquisa.

O último artigo discute as opções metodológicas de Maurício Roberto da Silva, ao realizar sua pesquisa de doutorado sobre as condições de vida de crianças trabalhadoras nos canaviais da Zona da Mata de Pernambuco e o espaço que o lúdico ocupa na vida dessas crianças. No texto, Silva apresenta as suas ações de pesquisa de campo, as quais intitula *Eventos-Campos*: atividades de que participou e que aconteceram tanto no lócus da pesquisa (os canaviais da Zona da Mata) como fora desse contexto (mas que envolviam a problemática dos meninos canavieiros, tais como os Tribunais Nacionais, Internacionais do México e de São

Paulo e o Encontro da Contag). O autor destaca que foi a partir da participação, observação e intervenção nessas atividades que se deu o processo de construção da investigação e das categorias de análise da realidade.

Assim, os seis artigos que compõem esse livro são leituras indispensáveis para o aprofundamento da reflexão e dos estudos sobre a diversidade de infâncias e crianças que se apresentam para nós, adultos, “criançólogos e criancistas”, professores, pesquisadores e militantes, profissionais que procuram enfoques teórico-metodológicos que indiquem caminhos, métodos, procedimentos e modos de abordar a realidade das crianças brasileiras para conhecê-las melhor e, sobretudo, para buscar caminhos que possam garantir, a todas elas, o direito à infância.